

## **Tópicos para a iniciação à pesquisa científica na Ciência da Informação**

*Marivalde Moacir Francelin*

### **1. Introdução**

A Universidade é um ambiente rico em experiências e oportunidades de conhecimento. Conhecer, no ambiente acadêmico, é uma atividade que requer orientação e planejamento, especialmente, para aqueles que nunca tiveram ou que tiveram poucas chances de fazer uma pesquisa.

Como incentivo e motivação para a pesquisa na graduação, a iniciação científica abre espaço para melhorar a integração acadêmica e temática na área de Ciência da Informação. Também, contribui para aproximar docentes e alunos por meio do compartilhamento de interesses acadêmicos comuns.

Ao docente interessa a preparação do aluno ingressante para a pesquisa em seu ciclo universitário; ao mesmo tempo, o aluno é contemplado com a chance de aprender na prática o que é uma investigação científica.

Dessa maneira, procuramos explicar alguns conceitos e contextos básicos da iniciação e da pesquisa científica. Não apresentaremos discussões sobre complexidades conceituais da ciência e da pesquisa, pois, acreditamos que elas surgirão naturalmente no decorrer do próprio processo de pesquisa.

## 2. Função da Pesquisa Acadêmica

“Pesquisa acadêmica” é um bom arranjo de termos. O que é pesquisa? O que é acadêmico? Falamos de *pesquisa* quando está presente alguma *atividade sistemática de busca pelo conhecimento*.

Ou seja, pesquisamos quando procuramos algo que some mais conhecimento ao nosso próprio conhecimento.

Quando estamos à procura de alguma *nova informação* diante de uma *dúvida ou problema*, estamos, por extensão, procurando ampliar nossos conhecimentos. Então, quando tentamos ampliar nossos conhecimentos é necessária a realização de uma pesquisa.

A atividade sistemática realizada a partir de um problema ou de uma pergunta é o que, basicamente, caracteriza uma pesquisa como “acadêmica”. Ela é definida assim, pois, é a maneira de diferenciá-la das *especulações* que fazemos no dia-a-dia. Tais “especulações” *podem* ser chamadas de *senso comum*, porém, vale lembrar que as especulações do senso comum também são pontos de partida da pesquisa acadêmica.

A pesquisa acadêmica, assim considerada, *pode* ser uma atividade sistemática que procura resolver problemas com o objetivo de ampliar nossos conhecimentos. Quando falamos em *conhecimento*, estamos nos referindo não apenas ao resultado de uma pesquisa, mas também à *capacidade de questionamento e de pensamento crítico sobre o próprio universo social*.

## 3. Sobre o que Pesquisar

Mas, ampliar nossos conhecimentos sobre o que? No cotidiano não é comum fazermos perguntas como: por que devo conhecer? Por que devo pesquisar? Sobre o que estou problematizando? Por que tenho dúvidas? Sobre o que tenho dúvidas? Na pesquisa acadêmica o “objeto” é muito impor-

tante, pois, é sobre ele que vamos elaborar nossas perguntas. É sobre o *objeto* de pesquisa que devemos *levantar nossas dúvidas*.

Até aqui sabemos que a *pesquisa acadêmica* é algo que se diferencia do senso comum, é *sistemática*, levanta *problemas/perguntas* e deve ter um *objeto de análise*.

#### 4. Tipos de objetos

O que chamamos de *objeto* no *cotidiano* é, geralmente, aquilo que pode ser “palpável”, concreto, físico, ou seja, algo como uma pedra, uma cadeira, uma casa, um martelo ou uma garrafa. Mas, quando falamos em objetos no meio *acadêmico* ampliamos os conceitos para que seja possível a pesquisa sobre eles. Por exemplo: podemos pesquisar a origem da palavra pedra, a história da cadeira, a função social das casas, o uso do termo martelo e a importância das garrafas sem precisar tocar pedra por pedra, sentar em todas as cadeiras, entrar nas casas das pessoas, martelar alguma coisa e procurar garrafas importantes.

É sobre um objeto que a pesquisa é realizada. Mas, como vimos, isto não significa que um objeto é somente aquilo que é concreto ou físico. Posso, continuando com nossos exemplos, perguntar: de onde veio a palavra pedra?; Quando surgiu a primeira cadeira?; Por que as casas são importantes para as pessoas?; Quais as formas de uso do termo martelo?; Desde quando as garrafas são usadas como recipientes?

Para responder uma ou todas as perguntas acima, o pesquisador não precisaria correr atrás de pedras, cadeiras, casas, martelos ou garrafas, precisaria, talvez, apenas ir à *biblioteca*.

## 5. O que pesquisar sobre o objeto

Mas, antes de falarmos da atividade de pesquisa, há algo muito importante para decidir: *o que pesquisar sobre um objeto?* Continuando com nossos exemplos, precisaríamos saber se vamos perguntar pelo surgimento da palavra pedra na língua portuguesa, pela construção da primeira cadeira na Europa, se a arquitetura das casas influenciou a vida familiar na Alemanha do século XIX, e assim por diante.

Também poderíamos perguntar, por exemplo, se existe *relação* entre nossos objetos: existe relação entre o surgimento da palavra pedra em língua portuguesa, a construção da primeira cadeira na Europa e a influência da arquitetura das casas na vida familiar na Alemanha do século XIX? É claro que o exemplo é imaginário, mas serve para caracterizar a *mudança da pergunta sobre o objeto para a pergunta sobre a relação entre objetos*.

Interessa-nos aqui lembrar que começamos dizendo que existem *objetos concretos* e *objetos abstratos* e que a pesquisa sobre eles dependerá do *tipo de pergunta* que faremos. Também vimos que é possível fazer, no nível básico, diversas perguntas sobre um mesmo objeto e sobre a relação entre objetos distintos. Agora, também é possível, *contextualizar nossos objetos em áreas do conhecimento*.

## 6. Áreas de conhecimento e tema de pesquisa

Ora, se quero fazer uma pesquisa, preciso dizer *onde a farei*. Se pretendo analisar como a arquitetura das casas influenciou a vida familiar na Alemanha do século XIX precisarei decidir se farei isso a partir da História, da Arquitetura, da Antropologia ou da Sociologia.

Vamos analisar o que foi dito, levando em consideração que nossa área de conhecimento será a Arquitetura, partindo do objeto “casa”. Primeiro, identificamos a *característica* que gostaríamos de pesquisar sobre o *objeto*: sua arquitetura

ra. Depois, *recortamos* o local e a data que pretendemos nos concentrar na pesquisa: Alemanha do século XIX. E, imprimimos uma *ação* sobre o objeto: *analisar* como a arquitetura das casas influenciou a vida familiar. “Arquitetura alemã do século XIX” ou “Vida familiar na Europa do século XIX” são *temas de pesquisa*.

Sabemos que a ciência está cada vez mais interativa devido à reconfiguração de seus domínios e ao deslocamento de suas fronteiras, porém, devemos ter em mente que os temas são pontos fundamentais de partida de qualquer pesquisa, pois, nos *ajudam* a identificar o que queremos fazer sobre o nosso objeto.

## 7. Exemplo da área de ciência da informação

Vamos continuar falando mais um pouco sobre a noção de objeto, porém, mudando nossos exemplos para o objeto “informação”. Usando o mesmo método acima, sabemos que será difícil falar sobre informação. Talvez, muito mais difícil do que falar sobre casas, martelos, garrafas ou cadeiras.

Pensando rapidamente, é possível verificar que existe informação em todo lugar e seria quase impossível qualquer pesquisa sobre o *objeto informação* sem a identificação de uma área de conhecimento e o recorte temático.

Nossa área de conhecimento pode ser a Ciência da Informação, com o *recorte temático* na “Teoria e História da Informação”. Sabemos que vamos fazer uma pesquisa a partir do tema “Teoria e História da Informação”, mas ainda não sabemos qual recorte faremos. Vamos supor que pretendemos: “Analisar a evolução do conceito de informação na literatura brasileira de Ciência da Informação a partir da década de 1940.”

Aqui temos os mesmos elementos indicados anteriormente: *ação sobre um objeto* (analisar a evolução do conceito de informação), *uma área de conhecimento* (Ciência da In-

formação), *um tema* (Teoria e História da Informação), *um recorte geográfico e/ou documental e/ou temporal* (literatura brasileira de Ciência da Informação a partir da década de 1940).

## 8. De volta à pesquisa

Mas, agora, voltamos à questão: “Se ainda não conheço a área que pretendo pesquisar, como posso saber o que vou fazer?” A resposta é: *apenas se faz pesquisa pesquisando*. É necessário agir. A pesquisa depende de *ação*. E toda ação depende de alguém que a execute. O primeiro passo, portanto, é colocar em prática o exercício fundamental de qualquer pesquisa em qualquer nível: buscar informações para o *entendimento pessoal*. Para buscar informações que nos levem a entender o que queremos pesquisar e, principalmente, a área de conhecimento e o tema a **leitura** é fundamental.

## 9. Prática da pesquisa: leitura

A primeira parte de quase toda pesquisa é saber o que já existe na literatura sobre o que se pretende conhecer. Se quero fazer uma pesquisa sobre a “evolução do conceito de informação” tenho que saber o que já foi escrito sobre o tema. Resumindo: *preciso ler*.

Mas, ler o quê? Primeiramente, fazer leituras que me ajudem a *entender o significado dos termos* que fazem parte do meu tema. Por exemplo: preciso saber o que é “informação” para depois analisar sua evolução.

Dicionários e livros introdutórios são fundamentais nesse momento. Não é aconselhável pular etapas. Quando tentamos falar sobre algo que ainda não conhecemos direito, acabamos por confundir as coisas. Também não é indicado ler qualquer coisa. O professor pode ajudar na indicação de leituras básicas sobre o tema de pesquisa.

Além de obter informações sobre o que queremos pesquisar, a leitura proporciona o conhecimento das opiniões de outros autores sobre o mesmo tema. Ou seja, começamos a identificar que existem *pontos de vista* diferentes sobre a mesma coisa. Encontramos muito disso no cotidiano e, na academia, não é diferente, apenas as divergências possuem uma fundamentação mais consistente.

Porém, é bom lembrar que *leitura e escrita estão juntas no processo de pesquisa*. Portanto, é necessário que além de ler o aluno também escreva, pois essa é uma *ação* importantíssima para qualquer acadêmico. Para o aluno a escrita é fundamental para ajudar a entender o que leu e para *registrar* suas interpretações e impressões.

## **10. Prática da pesquisa: revisão bibliográfica**

Livros, artigos de revistas e dicionários também podem ser chamados de bibliografias. Então, quando pretendemos ler e escrever sobre tais bibliografias a partir de um tema, dizemos que será feita uma *revisão bibliográfica*.

A revisão bibliográfica constitui uma das partes mais importantes de quase todos os tipos de trabalhos de pesquisa. Nesse momento, demonstramos nosso nível de conhecimento sobre o tema pretendido e o tipo de discussão que vamos desenvolver sobre ele.

A revisão bibliográfica ou de literatura é mais do que um método de pesquisa, pois seus benefícios não são momentâneos e se estendem para além da academia.

*Objetivos imediatos da revisão bibliográfica:* oportunidade para conhecer parte do que já foi realizado sobre o tema de pesquisa proposto; ter contato com metodologias e técnicas utilizadas em trabalhos já realizados; levantar elementos pertinentes para a redação de textos, principalmente, para construção do sumário.

É importante lembrar que a fase inicial de quase toda pesquisa prende-se a definições, conceitos e contextualização da pesquisa. Quanto mais se conhece sobre o que está sendo pesquisado (ou o que se pretende pesquisar) mais material e informações se tem para o desenvolvimento do projeto de pesquisa.

## 11. Projeto de pesquisa

Um projeto, assim como sua posterior execução, é feito por *etapas*. Portanto, é necessário ter um *plano básico*. Planejamento é o princípio fundamental para que a pesquisa seja realizada sem muitas surpresas. Aliás, é importante que esperemos por surpresas, obstáculos, percalços, contratempos e outros desvios no encaminhamento de qualquer pesquisa. Temos que ter em mente que nosso controle da pesquisa que estamos realizando é *parcial* e depende de uma série de fatores e elementos que não podemos controlar totalmente.

O roteiro que vamos apresentar abaixo é simples e contempla alguns elementos que podem variar de acordo com o tipo de pesquisa. Também existem opções de estruturas de acordo com o tema ou com o livro de metodologia que se está seguindo. Para o momento, vamos partir da seguinte estrutura:

- a) *introdução* (breve apresentação sobre o projeto);
- b) *problemas de pesquisa* (questões levantadas sobre o tema);
- c) *hipóteses de pesquisa* (respostas provisórias às questões levantadas);
- d) *objetivos* (dividem-se em gerais e específicos e indicam o que pretende fazer sobre o tema);
- e) *justificativa* (explicita a relevância do tema de pesquisa. Via de regra, é a parte que apresenta a revisão bibliográfica, deixando claro que existem autores que falam sobre o tema e o que eles falam);



- f) *metodologia* (descreve os caminhos percorridos para execução da pesquisa. Trabalha com o passado, o presente e o futuro, ou seja, diz como a pesquisa foi e como ainda será realizada);
- g) *bibliografia* (referências bibliográficas que foram utilizadas na revisão bibliográfica apresentada na justificativa);
- h) *cronograma de pesquisa* (quadro temporal onde estão divididas as atividades de pesquisa anunciadas na metodologia e para a confecção do trabalho);
- i) *apêndices ou anexos* (apresenta informações adicionais como levantamento bibliográfico que não foi utilizado na revisão bibliográfica da justificativa ou algum documento que não pôde ser inserido no corpo do projeto).

## 12. Relatório final de pesquisa

Todo texto contém a seguinte estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão. Como o nome já diz, o Relatório Final de Pesquisa apresenta os principais resultados que foram alcançados com o desenvolvimento da pesquisa. Ou seja, ao final da execução do projeto de pesquisa é preciso escrever um relatório que apresente resultados.

Na introdução, é preciso dizer sobre o que é o texto ou trabalho. Deve-se deixar claro qual é o *propósito do texto*, evitando fugir do tema e procurando sempre a síntese das ideias.

O desenvolvimento é a parte lógica do trabalho. Como núcleo do texto deve apresentar os *resultados da pesquisa* de forma lógica e coerente a partir do que foi proposto no projeto.

A conclusão identifica se os objetivos foram plenamente atingidos e *indica* o que deu certo ou errado, propondo novos caminhos para continuidade da pesquisa.

### 13. Síntese e prática

É difícil passar um dia na vida de qualquer pessoa sem que esta realize alguma pesquisa. Não saber o que é uma pesquisa não significa que ela não seja realizada. Diante de um problema rotineiro, como a perda de um objeto, dá-se início a um processo de investigação.

Investigar, nesse caso, significa procurar o objeto perdido, mas também pode significar imaginar como o objeto teria sido perdido. Uma é a ação de busca, confronto empírico, outra é a ação de reflexão, confronto com a memória. Existem estratégias em ambos os casos. Uns refazem o último trajeto. Outros saem aleatoriamente olhando todos os cantos possíveis. Existem aqueles que tentam imaginar o que poderia ter ocorrido. E aqueles que exercitam a memória na busca da última imagem do objeto perdido.

Desde o lugar onde se pisa até a seleção de alimentos em um supermercado a mente e o corpo se valem de processos investigativos. Uma investigação tem resultados que são guardados e/ou passados de um indivíduo a outro. Dessa forma, as pessoas aprendem a pisar em lugares seguros sem se machucarem e a escolherem alimentos sem se intoxicarem a partir de experiências diretas e indiretas.

Exemplo de experiência direta e indireta no cotidiano: se um grupo de pessoas atravessa um rio desconhecido, aquela que vai à frente investiga a profundidade com um pedaço de madeira e comunica aos outros a passagem mais segura. Os outros também têm a experiência da travessia, mas não precisarão fazer uma nova investigação. Quando saírem do rio, poderão contar a experiência para outras pessoas que não estavam lá e, assim, sucessivamente, o resultado daquela *pesquisa* será usado para outras travessias até que o rio mude ou outro fator (*problema*) determine, exija e motive uma *nova* pesquisa.

- Como você faz para encontrar um objeto perdido?
- Existem procedimentos distintos para investigar a perda das chaves, dos óculos ou do *pen drive*?

Agora, se a pessoa não perdeu nada, mas tem uma *tarefa*, uma *curiosidade* ou um desejo de *conhecer*, ela provavelmente reproduzirá a forma como as outras pessoas do seu grupo ou *comunidade* buscam informações.

- Como você busca informações?
- Na universidade você busca informações da mesma maneira que as busca no dia-a-dia?

### **Referências:**

DEMO, Pedro. **Metodologia para quem quer aprender**. São Paulo: Atlas, 2008.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos et al. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MAGALHÃES, Gildo. **Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia**. São Paulo: Ática, 2005.